



*Malan reconheceu que a economia, no primeiro semestre, passará por momentos difíceis e que o desemprego aumentará. Mas garantiu que, a partir de julho, o país voltará a crescer*

# Malan diz que déficit é só estimativa

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, disse ontem que o resultado ruim nas contas públicas registrado em janeiro não prejudicará a percepção dos investidores sobre o ajuste fiscal. Segundo Malan, os analistas econômicos sabem que a deterioração é consequência do exagero inicial da desvalorização cambial e reflexo do aumento dos juros. Demonstrando irritação, Malan disse que o déficit (despesas maiores que receitas) de 18% do Produto Interno Bruto (PIB) é uma estimativa preliminar de técnicos do governo.

"Como tudo no Brasil vaza, isso deve ser o vazamento de alguma primeira estimativa feita por técnicos. Esse número não é oficial. Confio na capacidade analítica dos economistas e ninguém fará projeções ingênuas e inadequadas do resultado de um mês para todo o ano", disse Malan.

O ministro prestou depoimento à Comissão de Finanças e Tributação da Câmara dos Deputados. De acordo

com Malan, o déficit será reduzido em fevereiro e março porque as cotações do dólar caíram em relação a janeiro. Com isso, há impacto positivo sobre a dívida e o resultado das contas públicas vai melhorar automaticamente.

A redução do déficit, entretanto, não será suficiente para que o governo feche as contas de 1999 no mesmo nível de 1998. Pelos cálculos oficiais, o déficit incluindo o pagamento de juros será de 10,34% do PIB, enquanto o de 98 ficou em 8,03%.

O déficit do setor público só será contido daqui para a frente se o governo cumprir rigorosamente a meta de superávit primário (receitas maiores que despesas, exceto os gastos com juros) de 3,1% do PIB e se os juros reais ficarem abaixo do ano passado.

O estouro das contas em janeiro, em consequência do impacto da má desvalorização do real sobre a dívida externa e a parcela de títulos públicos indexados ao câmbio, já estava previsto. Por isso, o Fundo Monetário

**"COMO TUDO NO BRASIL VAZA, ISSO (DÉFICIT DE 18% DO PIB) DEVE SER O VAZAMENTO DE ALGUMA PRIMEIRA ESTIMATIVA FEITA POR TÉCNICOS. ESSE NÚMERO NÃO É OFICIAL. CONFIO NA CAPACIDADE ANALÍTICA DOS ECONOMISTAS E NINGUÉM FARÁ PROJEÇÕES INGÊNUAS E INADEQUADAS DO RESULTADO DE UM MÊS PARA TODO O ANO".**

Pedro Malan,  
ministro da Fazenda

Internacional (FMI) optou por aumentar o rigor nas metas na segunda versão do programa com o Brasil, fechado no início do mês.

O principal problema do estouro nas contas é o efeito sobre a chamada relação dívida/PIB. Uma trajetória explosiva da dívida pode provocar dúvidas sobre a capacidade de o

governo honrar seus compromissos.

O presidente do Banco Central (BC), Armínio Fraga, que também participou do depoimento na Câmara, afirmou que os juros nominais no fim do ano estarão entre 20% e 30% ao ano e que, caso a inflação continue dando sinais de redução, haverá espaço para novos cortes nas taxas de juros.

Malan reconheceu que a economia, no primeiro semestre, passará por momentos difíceis e que o desemprego aumentará. Mas garante que, a partir de julho, o país voltará a crescer. O ministro rechaçou

propostas de reindexação salarial.

Fraga admitiu que a antiga diretoria da instituição socorreu o Banco Marka, vendendo dólares mais barato ao banco para compensar o prejuízo que tinha sido registrado com a desvalorização cambial. Segundo Fraga, a operação foi feita de acordo com normas legais e não protegeu os banqueiros, que usaram o patrimônio do banco para quitar parte do prejuízo.

O presidente do BC também falou sobre as instituições financeiras que compraram quase US\$ 1 bilhão na véspera da desvalorização cambial afirmando que antes de prejugar as instituições é preciso ter provas concretas do vazamento de informações. "O BC àquela época tomou a decisão de zerar a posição do Marka, mas também o patrimônio. O banqueiro quebrou. A cotação usada para venda dos dólares não foi coincidência. O objetivo era tirar o banco do mercado sem causar turbulências", disse.